



UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO ANTIVACINA NO GOVERNO BOLSONARO

Thiago Costa da Silva¹

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Patrick Neves de Paula da Silva²

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Cláudia Cristina Mendes Giesel³

Universidade Veiga de Almeida (UVA)

RESUMO

O presente trabalho irá apresentar uma análise do discurso performado pelo Presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia e às medidas sanitárias instauradas, tendo estas o intuito de retardar os efeitos nocivos da covid-19. Além disso, iremos realizar uma apreciação crítica de seus ataques direcionados à busca de vacina e às medidas preventivas recomendadas pela OMS. Este artigo possui como justificativa comprovar que o discurso antivacina, balizado por *encenações* negacionistas e ideológicas, desencadeou um gerenciamento político ineficaz durante a pandemia, promovendo uma alta taxa de contaminação e óbitos. Para a realização das análises dos depoimentos proferidos pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, utilizaremos a Teoria Semiollingüística, desenvolvida pelo pesquisador francês Patrick Charaudeau (2019, 2011, 2005, 1999), para buscar saber se seu *projeto de influência* pretendeu causar *efeitos de sentido* que motivaram e incentivaram a população brasileira a abrandar os cuidados profiláticos em relação à pandemia. A presente pesquisa possui como objetivos averiguar algumas condutas psico-sócio-lingueiras manifestadas pelo presidente do Brasil em relação à vacina contra o Covid-19; examinar a influência negacionista exercida e os efeitos causados por Bolsonaro, no imaginário sociodiscursivo, à população e analisar o posicionamento do Chefe de Estado quanto à periculosidade da ação do vírus para a saúde humana; e às recomendações de medicamentos sem comprovação científica.

Palavras-chave: Teoria Semiollingüística; Bolsonaro; pandemia; covid-19; análise do discurso.

ABSTRACT

The present work will present an analysis of the speech performed by President Jair Bolsonaro in relation to the pandemic and the health measures put in place, with the aim of delaying the harmful effects of covid-19. In addition, we will conduct a critical appraisal of their targeted attacks on the search for a vaccine and the preventive measures recommended by the WHO. This article has the justification to prove that the anti-vaccine discourse, marked by denial and ideological *enactments*, triggered an ineffective political management during the pandemic, promoting a high rate of contamination and deaths. To carry out the analysis of the testimonies given by President Jair Messias Bolsonaro, we will use the Semiollingüistic Theory, developed by the French researcher

¹ É mestrando em Estudos de Linguagem (UFF) e bolsista da Capes. Email: thiago_cs@id.uff.br

² É mestrando em Estudos de Linguagem (UFF). Email: patricknps@id.uff.br

³ É doutora em Educação e coordenadora do curso de Letras EAD (UVA).



Patrick Charaudeau (2019, 2011, 2005, 1999), to seek if his *project of influence* and intending to cause *meaning effects* motivated and encouraged the Brazilian population to slow down prophylactic care in relation to the pandemic. The present research aims to investigate some psycho-socio-language behaviors expressed by the president of Brazil in relation to the vaccine against Covid-19; examine the negationist influence exerted and the effects caused by Bolsonaro, in the socio-discursive imaginary, to the population and analyze the position of the Head of State regarding the dangerousness of the action of the virus for human health; and the recommendations of medicines without scientific evidence.

Keywords: Semiolinguistic Theory; Bolsonaro; pandemic; Covid-19; speech analysis.

INTRODUÇÃO

A chegada do Covid-19 ao território nacional deu-se no mês de fevereiro de 2020, quando um grupo de brasileiros, que vivia em Wuhan, foi repatriado. Apesar do cuidadoso período de catorze dias de isolamento social desses indivíduos, tempo de transmissão do vírus, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), à época, no dia vinte e seis de fevereiro, um senhor de sessenta e um anos, que viajara recentemente à Itália, foi diagnosticado com a doença. Poucos dias após esse caso, houve um crescimento no número de pessoas com suspeita de contaminação e outros eventos foram confirmados, levando o governo a assumir uma postura de receio e de políticas de profilaxia em nível nacional.

Em meio a esse cenário pandêmico, em oposição a instituições sanitárias, surgiu, no Brasil, uma narrativa oposta à encenação psicossocial adotada por outras nações, relacionada à busca de vacina e às medidas profiláticas recomendadas pela OMS, assim como a uma descrença na letalidade do contágio do vírus Sars-CoV-2. O presidente Jair Messias Bolsonaro, Chefe de Estado, ao longo de seu exercício governamental, vem desdenhando da potencialidade de contágio e, com isso, dos impactos à vida dos brasileiros, ao sistema público de saúde e à economia. Em consequência disso, tem-se visto um percentual consideravelmente alto no índice de mortalidade, além do colapso da saúde pública na busca de leitos hospitalares e do desemprego crescente, em decorrência da crise financeira, social e política.

Pontua-se, tendo em vista a atual crise sanitária – de proporção mundial – e os discursos vinculados às medidas restritivas, bem como os cuidados imediatos contra a infecção, as seguintes **problemáticas**: 1- o presidente, em sua gestão da pandemia, difundiu uma ideologia para impedir medidas necessárias para frear o contágio do vírus? 2- pode-se, diretamente, culpabilizar Bolsonaro pelo não cumprimento pleno ou a atitudes contrárias a um distanciamento social dos brasileiros na pandemia? 3- de que modo o discurso antivacina do presidente, simultâneo à difusão de medicamentos não comprovados cientificamente, influenciou no atraso do início da campanha de imunização?

Tem-se, nesta pesquisa, como **objetivo geral**, averiguar algumas condutas psico-sócio-linguageiras manifestadas pelo presidente do Brasil em relação à vacina contra o Covid-19. Já em relação aos **objetivos específicos**, pretende-se: 1- examinar a influência negacionista exercida e os efeitos causados por Bolsonaro, no imaginário sociodiscursivo, à população; 2- analisar o posicionamento do Chefe de Estado quanto à periculosidade da ação do vírus para a saúde humana



e às recomendações de medicamentos sem comprovação científica; 3- avaliar como são inferidas diferentes interpretações acerca das *ações*⁴ e *causações*⁵ relacionadas aos discursos do presidente.

Diante do questionamento aqui proposto, pretende-se, neste estudo, pelas vias da análise semiolinguística do discurso, verificar as seguintes **hipóteses**: 1- Bolsonaro interferiu negativamente no comportamento de parte da população brasileira quanto às medidas profiláticas em relação à pandemia; 2- é possível afirmar que determinadas atitudes de Bolsonaro corroboraram para uma onda de pensamento negacionista durante sua gestão; 3- acredita-se que os efeitos de discurso simultâneos ao poder de influência criaram, no imaginário sociolinguageiro, situações de crença em medicamentos sem comprovação científica.

Este artigo possui como **justificativa** comprovar que o discurso antivacina, balizado por *encenações* negacionistas e ideológicas, promovendo uma alta taxa de contaminação e óbitos, desencadeou um gerenciamento político ineficaz. Concomitante a isso, um estudo no campo semiolinguístico acerca do discurso de um presidente, representante de uma nação, em um período pandêmico, seria capaz de promover reflexões sobre os atos linguageiros de Bolsonaro e de seu poder de influência no comportamento dos brasileiros quanto às medidas restritivas e quanto à eficácia da vacinação.

1 A LINGUAGEM E O DISCURSO NA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

Para a pesquisadora brasileira Lúcia Santaella (2003, p. 02), “As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem”. Tendo em vista a concepção adotada, é possível compreender que o ser humano é um ser linguageiro, ou seja, as relações humanas só são possíveis por intermédio da linguagem. De acordo com Charaudeau (2019), esta instância ocorre por meio de uma dupla articulação indissociável, uma implícita e outra explícita.

O ato de linguagem, uma concretização da comunicação, é concebido tendo-se em vista duas diferentes vertentes: a primeira, produzida por um emissor-receptor ideal; a segunda, por um emissor-receptor determinado, levando-se em conta um delimitado contexto sócio-histórico. Chamaremos, a partir de agora, essas duas concepções como instância explícita e implícita, respectivamente. Estas, por sua vez, são indissociáveis.

O explícito interessa-se, principalmente, pela parte estrutural da linguagem (simbolização referencial). Apesar de lermos/ouvirmos uma oração dissociada de sua situação de comunicação, conseguiremos compreender a mensagem que o emissor quer passar-nos, como em “Fecha a porta”. Por meio de operações de alterações paradigmáticas e/ou sintagmáticas, conseguiremos diferenciar uma frase de outra, como em “Fecha a janela” ou “Fecha uma porta”, o que Charaudeau denomina de paráfrases estruturais. “A produção dessas paráfrases estruturais permite que se efetue na linguagem um jogo de reconhecimento morfossemântico construtor de sentido [...]” (CHARAUDEAU, 2019, p. 25).

O implícito, por sua vez, interessa-se pela atividade serial da linguagem (*significação*). Um ato de linguagem, para ser plenamente entendido pelo sujeito interpretante (TUi), não pode estar alheio à situação de discurso, tal qual a delimitação espaço-temporal em que os interagentes estão inseridos. Na oração “Fecha a porta”, por exemplo, se o contexto em que a comunicação ocorre

⁴ Termo da Teoria Semiolinguística que será elucidado a seguir.

⁵ Idem.



estiver contemplado na interação, poder-se-á compreender o motivo que levou o sujeito comunicante (EUc) a dizer/escrever isso ao sujeito destinatário (TUd), tais como por motivação de estar com frio, querer confiar-lhe um segredo ou que a parte externa do cômodo está barulhenta etc., constituído em *paráfrases seriais*. A *significação* depende da situação de discurso em que o ato de linguagem está inserido (CORRÊA-ROSADO, 2014).

De acordo com Charaudeau (2019, p.17), entende-se que:

O ato de linguagem não esgota sua significação em sua forma explícita. Este explícito significa outra coisa além de seu próprio significado, algo que é relativo ao contexto sócio-histórico. Um dado ato de linguagem pressupõe que nos interroguemos a seu respeito sobre as diferentes leituras que ele é suscetível de sugerir. O que nos leva a considerá-lo como um objeto duplo, constituído de um Explícito (o que é manifestado) e de um Implícito (lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação).

Para entendermos a proposta da Teoria Semiolingüística, para este autor, primeiro temos que compreender a sua concepção de discurso. Este, para Charaudeau (2011, p. 6),

[...] é um percurso de significância que se acha inscrito num texto, e que depende de suas condições de produção e dos locutores que o produzem e o interpretam. Um mesmo texto é então portador de diversos discursos e um mesmo discurso pode impregnar textos diferentes. Há discurso atravessando textos diferentes, e um mesmo texto pode ser portador de discursos diferentes.

O discurso, dessa forma, consiste em uma materialização discursiva contida em um texto ou em uma sequência de texto, que compartilha uma certa ideologia de uma pessoa ou de um grupo social, manifestada em um determinado espaço e tempo da história. Deve-se conceber o discurso como uma instância iminente, contida em todos os textos e formas de comunicação humana, podendo ser instalado de maneira implícita ou explícita no ato de linguagem. Orlandi (2013, p. 60) ratifica essa proposição ao afirmar que o discurso é definido como “*efeito de sentido* entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar um outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico”.

Para Charaudeau (2019, p. 17), tendo-se em vista que “[...] a linguagem é um objeto não transparente”, a instância implícita pode não ser compreendida corretamente pelo TUi, tendo em vista diferentes fatores psicossociais que os interagentes possuem, o que atribui à linguagem a noção de *aposta*. Esta, por sua vez, configura-se como uma hipótese criada pelo TUi para entender sua intencionalidade. Ainda para Charaudeau (2019, p. 26), “[...] é o sentido implícito que comanda o sentido explícito para constituir a significação de uma totalidade discursiva”. Porém, é impossível de se recuperar essa *totalidade discursiva* de um ato de linguagem.

Charaudeau (2019, p. 37) propõe, ainda em relação ao conceito de grau de *aposta* em um ato de linguagem, a noção de núcleo metadiscursivo (NmD), no qual “a matéria significante [...] é testemunha provisória de um jogo de ajustamento entre um sentido mais ou menos estável,



resultado de uma atividade metacultural sobre a linguagem”, constituindo uma expectativa em uma ação linguageira.

O implícito é, por definição, “[...] um lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação”, estabelecendo, por assim ser, “[...] uma aptidão para significar o mundo como uma totalidade que inclui o contexto sócio-histórico e as relações que se estabelecem entre emissor e receptor” (CHARAUDEAU, 2019, p. 17). Alinhado a isso, pode-se entender que a “[...] linguagem significa ao mesmo tempo em que transmite; é no próprio ato de transmissão que ela significa, com o efeito que produz sobre o outro” (CHARAUDEAU, 2011, p. 8).

O efeito previsto é conduzido por uma *intencionalidade*, visto que todo ato de comunicação visa influenciar o outro, seja para um fazer-pensar, um fazer-emocionar ou um fazer-fazer. Assim, insere-se nesse processo “contratos” ou “possíveis saberes” instaurados na esfera do implícito, estabelecido por elementos comuns aos sujeitos interagentes, pela ordem do conhecimento de crença ou conhecimento de mundo. Desse modo, como postula Charaudeau (2019, p. 34), o ato de linguagem apresenta-se sob uma dupla face, “qualificação referencial” e “funcionalidade”, remetendo-se ao valor de designação e ao valor de uso dos sentidos.

A semiotização do mundo, de acordo com Charaudeau (2019), ocorre por meio de dois processos que possibilitam nomear, qualificar, reconhecer, agir, influenciar, entre outros, a comunicação dos sujeitos psicossociais. Charaudeau nomeia estes mecanismos como *processo de transformação* e *processo de transação*. O primeiro apresenta-se por meio de quatro operações: **identificação** (refere-se aos substantivos e pronomes que são utilizados para referir-se aos sujeitos ou seres de um texto), **qualificação** (atribuição positiva ou negativa referente a esses sujeitos), **ação** (atividade sofrida ou praticada por um sujeito) e **causação** (o que motiva a ação).

Além disso, Charaudeau (2005) classifica o *processo de transação* como sendo configurado por meio de quatro operações: o **princípio de alteridade**, o **princípio de pertinência**, o **princípio de influência** e o **princípio de regulação**. O primeiro refere-se ao fenômeno de interlocução entre dois sujeitos (presencialmente ou não) em um duplo processo de reconhecimento como semelhantes e diferentes. A semelhança está relacionada à necessidade de um reconhecimento de *universos de referência* (saberes afins); a dessemelhança acontece, pois é indispensável para a constatação da alteridade com o outro, além do caráter particular de cada interagente. A comunicação depende de um processo bilateral (não simétrico) de concepção do outro, sendo uma condição do ato de linguagem e do aspecto *contratual*.

O *princípio de pertinência* refere-se aos conhecimentos compartilháveis no ato de linguagem, no processo de interlocução. É necessário que haja uma apropriação desses saberes ao *contexto* comunicacional e à *finalidade*, o que confirma o caráter contratual do dispositivo sociolinguageiro. O *princípio de influência* refere-se, como seu próprio nome remete, ao processo de influência de um sujeito ao outro, no qual há uma pretensão de levá-lo a uma ação, persuadir suas emoções ou encaminhar seu pensamento. Todo ato de linguagem está passível de influências, o que leva os interagentes a atentarem-se a essa instância. O *princípio de regulação* está relacionado à necessidade de um reconhecimento mútuo mínimo estabelecido no ato de linguagem, sem o qual a interação entre os sujeitos seria impossibilitada, pela falta de assunto ou de outras rupturas. Esse processo é preciso para que a comunicação tenha um prosseguimento, podendo ser constituído de maneira consciente ou não.



Charaudeau (1999; 2019) declara que o nível discursivo é o processo resultante de duas forças: a centrífuga/exocêntrica e a centrípeta/endocêntrica. A primeira refere-se à concepção de um signo ou ato de linguagem atrelado a uma situação de comunicação, tendo seu sentido construído e definido por um contexto. Já a segunda está relacionada à condição de um sentido uno, desvinculado de *Circunstâncias de Discurso* e tendo sua significação definida de maneira lacunar, em um caráter estritamente denotativo.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho possui um caráter qualitativo, visto a imersão que será realizada nos *corpora* alvos da análise do discurso. Para isso, utilizaremos o método exploratório, considerando o seu pendor para a criação de uma familiaridade com os objetos relacionados com as motivações discursivas diante da sociedade, além de um levantamento bibliográfico, o qual proporcionará um compêndio das argumentações enunciativas protagonizadas por Bolsonaro.

Em decorrência da proposta de nosso trabalho, utilizaremos o método e a técnica de pesquisa de estudo de caso, posto que se pretende compreender os movimentos e influência desempenhados pelo presidente da República em relação ao combate à pandemia, especificamente quanto aos seus pronunciamentos e efeitos destes sobre a campanha de vacinação, no imaginário sociodiscursivo do brasileiro.

Para isso, utilizaremos como recurso metodológico a Teoria Semiollingüística do Discurso, entendendo que esta apresenta características fundamentais para a condução da análise proposta neste trabalho. Patrick Charaudeau apresenta em seu aporte teórico que, em todo *ato de linguagem*, estão presentes, no mínimo, quatro sujeitos interagentes, que são responsáveis pela *mise-en-scène* discursiva. Tendo em vista que todo sujeito enunciador visa causar no sujeito destinatário *efeitos de sentido*, projetados por meio de um plano de influência, a fim de mobilizar, fazer agir ou pensar, Bolsonaro dota-se de *estratégias* discursivas para cumprir tais ações.

Para isso, utilizaremos, como principais referenciais teóricos, Charaudeau (1999, 2005, 2011, 2019), Corrêa-Rosado (2014), Ida Machado (2020) e Pauliukonis e Gouvêa (2012), tendo em vista a elucidação teórico-metodológica acerca da Teoria Semiollingüística do discurso, o que será de fundamental importância para as análises psico-sócio-lingueiras dos sujeitos que serão realizadas a seguir.

1 A ENCENAÇÃO DISCURSIVA DE BOLSONARO

O vírus Sars-CoV-2, devido ao seu caráter altamente contagiante, afetou o mundo inteiro. Para realizarmos a análise do primeiro pronunciamento selecionado, é importante pontuarmos que, neste caso, a pandemia estava em seu período inicial no Brasil. O presidente Jair Messias Bolsonaro, em contramão às instâncias mundiais, referiu-se à doença, até o momento pouco conhecida, como “gripezinha”, em um pronunciamento feito no dia dezesseis de março de 2020.

Pronunciamento 1: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma ‘gripezinha’ ou ‘resfriadinho’, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão”.



A semiotização de mundo, como bem descrita anteriormente, apresenta uma dupla instância, definida como *processo de transformação* e *processo de transação*. A fim de constatar essa premissa na afirmação *encenada* pelo Presidente da República, explicitaremos, abaixo, esses fenômenos, que culminam na *encenação discursiva*.

identificação: as palavras *meu*, *histórico*, *vírus*, *me*, *“gripezinha”*, *“resfriadinho”*, *aquele*, *médico*, *daquela* e *televisão* são empregadas como agentes que possibilitam empreender os sujeitos inseridos no pronunciamento. Quando o enunciador utiliza o pronome “meu”, é criada a argumentação de que o vírus desenvolve-se melhor em pessoas sedentárias e sem condicionamento físico, além de essa estratégia retirar de si a culpa pela negligência de suas palavras, tendo em vista que ele está referindo-se ao seu caso particular. Os termos “aquele médico” e “daquela [...] televisão” expressam, em sua argumentação, um forte posicionamento ideológico, preso a uma estratégia de convencimento de que, de fato, o que se enquadra como “uma gripezinha” e/ou “um resfriadinho” não é alvo de preocupação em nível nacional. Acredita-se que o uso dos vocábulos “gripezinha” e “resfriadinho”, no diminutivo, proporciona a minimização do perigo em relação à pandemia, além de poder indicar o desprezo por sua superdimensão.

Qualificação: as palavras *particular*, *histórico de atleta*, *contaminado*, *acometido*, *conhecido* e *conhecida* são empregadas com o intuito de atribuir aos sujeitos interagentes uma qualificação tanto positiva quanto negativa, especificando traços particulares. O adjetivo “particular” retira a culpa do presidente Bolsonaro em relação às vítimas acometidas pelo vírus, o que poderia acarretar possíveis consequências sanitárias. O termo “atleta” atribui, ao presidente, uma saúde superior em relação à população comum, incorrendo, implicitamente, em uma separação de classes, além de induzir conscientemente as pessoas “fortes” a abrandarem os cuidados profiláticos. Ao utilizar os vocábulos “conhecido” e “conhecida”, o enunciador busca produzir *efeitos de sentido* a fim de legitimar sua fala e não sofrer sanção judicial ao atribuir o nome do Dr. Drauzio Varella e da emissora de televisão Rede Globo.

Ação: os verbos e formas verbais *fosse*, *precisaria me preocupar*, *nada sentiria*, ou *seria*, além de serem conjugados no subjuntivo ou no futuro do pretérito, indicando uma incerteza em sua afirmação, são utilizados com o intuito de demonstrar o exercício simbólico ou literal de preocupações futuras, atribuindo à essa possibilidade um acontecimento remoto.

Causação: os conectivos *caso* (conjunção), *ou* (conjunção) e *como* (advérbio) constroem um percurso argumentativo a ser percorrido pelo receptor. A palavra “caso” indica a possibilidade (remota) de o enunciador ser contaminado pelo vírus, o que pode ser portador de um posicionamento ideológico. A conjunção “ou”, neste caso, está indicando a alternância entre duas probabilidades de sintomas que, em seu caso particular, não causaria grandes males à saúde. O advérbio “como” foi utilizado com o objetivo de constituir legitimidade à sua argumentação.



Relacionado ao processo de transformação encontra-se o *processo de transação*, o qual promove a possibilidade de encontrar, em seu discurso, motivações comunicacionais, compreendendo que há, em seu pronunciamento, o reconhecimento de um *jogo de influência* dos cidadãos ou partidários favoráveis ao posicionamento político-ideológico do presidente. Torna-se possível o reconhecimento do *princípio de alteridade* na sentença enunciativa do presidente, ao pronunciar “no meu caso em particular, pelo meu histórico de atleta”, levando ao entendimento de que existem outros que não possuem o mesmo histórico ou particularidades essenciais relacionadas à saúde.

Pronunciamento 2: “*Pessoal, se fala muito da vacina da Covid-19. Nós entramos naquele consórcio lá de Oxford. Pelo que tudo indica, vai dar certo e cem milhões de unidades chegarão para nós. Não é daquele outro país não, tá ok, pessoal? É da Oxford aí*”.

O presidente Bolsonaro, em um de seus pronunciamentos, no dia trinta de julho de 2020, proferiu a sentença supracitada, explicitando o grau de pouca confiabilidade na vacina produzida pela China, tratando implicitamente desse tema. Abordaremos, abaixo, da análise do processo de transformação.

Identificação: as palavras *pessoal, vacina, covid-19, nós, consórcio, Oxford, unidades e país* são identificadas como portadoras de uma identidade no discurso enunciado por Bolsonaro. O vocativo “pessoal” foi utilizado para chamar a atenção dos seus telespectadores para o comunicado que viria a seguir. O pronome “nós” está referindo-se ao Bolsonaro e à sua equipe do governo, em uma busca pela solução do Covid-19 para todos os brasileiros. Nesse momento, ao mencionar sobre o consórcio com a Oxford, com o pedido de cem milhões de vacinas, é criado um discurso xenofóbico com aquele “outro país” (China), deixando implícita a falta de confiança e credibilidade no trabalho desenvolvido pelos cientistas chineses, em decorrência de um posicionamento político-ideológico.

Qualificação: As palavras *certo* e *outro* revelam o modo de pensar do presidente sobre o processo de produção, aquisição e confiabilidade dos imunizantes. O processo qualificado como “certo” refere-se à compra e utilização das vacinas produzidas pela farmacêutica britânica Oxford, sendo por ele digna para o povo brasileiro. Em contrapartida, para legitimar o seu discurso, Bolsonaro credita à vacina produzida pela China (nomeada como “[...]aquele outro país”), diferentemente da Oxford, como não confiável e digna para o Brasil.

Ação: os verbos e formas verbais *se fala, entramos, vai dar certo, chegarão, não é e é da* são empregadas por Bolsonaro com a intenção de criar em seu discurso a confiança do povo brasileiro sobre a sua gestão e da sua nova aquisição, apesar de não apoiar a vacinação obrigatória a todos. A forma verbal “se fala” introduz à sua fala que a pandemia é sim um assunto recorrente e prioritário em seu governo, principalmente pelo fato de ele estar em negociação por uma grande quantidade de imunizantes, buscando dar, outra vez, estabilidade ao país. Em seguida, é criada uma relação antagônica entre as vacinas desenvolvidas entre duas farmacêuticas. A CoronaVac *não é* bem qualificada pelo presidente; o bom produto *é da* Oxford.



Causação: apesar de o nome da empresa chinesa CoronaVac não ter sido utilizado por Bolsonaro, fica implícito o seu posicionamento contrário ao país, sobretudo pelo fato de o primeiro caso registrado da doença ser desse país asiático. Contudo, acredita-se que os motivos mais contundentes para esse ataque (velado) sejam pelo fato de a China já ter sido um país comunista.

Quanto ao processo de transação, pode-se evidenciar a expressão “Pelo que tudo indica”, que é utilizada para encorajar o povo brasileiro a continuar confiando em seu governo e que as vacinas, em breve, chegarão para imunizar todos os interessados (*princípio de influência*). Por outro lado, o presidente da República atua no imaginário social para informar que algumas vacinas são confiáveis e outras não (*princípio de alteridade*).

Pronunciamento 3: “*Lá no contrato da Pfizer, está bem claro. Nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um chi...virar um jacaré, é problema de você, pô*” [...] “*Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou... algum homem começar a falar fino, eles (Pfizer) não têm nada a ver com isso. O que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas*”

O pronunciamento supracitado, realizado no dia dezessete de dezembro de 2020, apresenta o descontentamento de Jair M. Bolsonaro em relação aos possíveis efeitos colaterais da vacina da farmacêutica Pfizer, ainda em fase de testagem. Para compreendermos os possíveis sentidos que esse texto apresenta, iremos analisar abaixo o *processo de transformação*.

Identificação: as palavras *contrato, Pfizer, nós, nos, efeito, você, jacaré, super-homem, barba, mulher, homem, eles, isso, sistema imunológico e pessoas* indicam os sujeitos inseridos no pronunciamento. O “contrato”, documento produzido pela empresa “Pfizer”, é utilizado como um objeto de desconfiança pelo presidente Bolsonaro, pelo fato de ele não concordar com a cláusula de responsabilidade em relação a possíveis efeitos colaterais. Para demonstrar seu descontentamento com o posicionamento da Pfizer, o presidente utiliza palavras com possíveis *efeitos de sentido*, como: “virar jacaré”, “virar super-homem” “nascer barba em alguma mulher”, “algum homem começar a falar fino.” Assim, torna-se claro o uso de termos que reafirmam a história, tal qual a intertextualidade estabelecida com a descredibilidade gerada com a criação da vacina contra a varíola. As expressões *mulher barbada* e *homem falar fino* são utilizadas com a intenção clara de criar o medo e discriminação em seus apoiadores, ao associar, como consequência, efeitos colaterais com mutação genética, posto sua ideologia conservadora.

Qualificação: as palavras *efeito colateral, falar fino, pior* e *sistema imunológico* são utilizadas pelo presidente para retirar a credibilidade da efetividade da vacina, por meio da utilização de elementos que, em relação de atribuição negativa, buscam sustentar sua hipótese ideológica, utilizando-se do medo do desconhecido.



Ação: os verbos e formas verbais *responsabilizamos*, *virar*, *nascer*, *começar a falar* e *mexer* são empregadas com a intenção de descredibilizar a segurança da vacina oferecida pela farmacêutica Pfizer. A palavra “responsabilizamos” remete à cláusula do contrato referente à saúde popular, em que, ao mesmo tempo, protege a empresa de possíveis consequências judiciais e, tendo isso em vista, faz Bolsonaro adotar uma postura contrária à sua adoção. Já as demais palavras estabelecem uma relação de transformação, na qual o uso do imunizante poderia sim causar processos desconhecidos à saúde e vida humanas.

Causação: os conectivos “se” e “ou” são empregados para criar um projeto argumentativo pelo presidente Bolsonaro. A conjunção subordinativa condicional “se” foi utilizada como um elemento que introduz as possíveis consequências relacionadas à aplicação do imunizante produzido pela farmacêutica americana. A conjunção “ou” é inserida com o intuito de pontuar malefícios mais graves aos seres humanos que decidirem se imunizar, incentivando o povo brasileiro a adotar seu discurso antivacina.

No processo de transação, Bolsonaro utiliza o *projeto da influência* para, por meio de seu pronunciamento, levar seus apoiadores, eleitores e a população brasileira, de um modo geral, a compartilhar de seu posicionamento político-ideológico em relação às imunizações ainda em fase de testagem. Suas palavras, tendo em vista causar *efeitos de sentido*, levando em consideração seu importante posicionamento em nível nacional, são capazes de criar uma ruptura entre o plano de imunizações e o público-alvo, o que foi capaz de politizar o uso das vacinas e levarem pessoas a optarem por uma outra farmacêutica, alterando o imaginário social com notícias falsas e promovendo a crença em medicamentos não comprovados pela ciência.

Pronunciamento 4: “*Eu tive a melhor vacina, foi o vírus. Sem efeito colateral*”.

A frase supracitada foi realizada pelo presidente Bolsonaro em um depoimento no dia vinte e três de dezembro de 2020, proferida a apoiadores-eleitores na cidade de São Francisco do Sul (SC), provocando aglomeração entre os telespectadores e incentivando, implicitamente, o não uso de máscaras faciais de proteção.

Identificação: as palavras *eu*, *vacina*, *vírus* e *efeito* são identificadas como os sujeitos da frase enunciada por Jair M. Bolsonaro. O pronome “eu”, mediante análise, levantou o entendimento de duas hipóteses. São essas: de um lado, a visão individual do presidente da República acerca do contágio e imunização causados pelo contato com o vírus, incentivando, inclusive, o efeito de rebanho; do outro, o “eu” representando o “povo brasileiro”, em um apelo para as pessoas se exporem ao vírus para criarem anticorpos e retornarem à normalidade do mundo pré-covid, buscando salvar a economia, um dos pilares centrais de seu governo. O vocábulo “vacina” estabelece uma relação metafórica com medicamento-solução capaz de nos tirar do ostracismo em que vivemos. No que tange ao “efeito” colateral, Bolsonaro afirma que não houve ou há perigos na contaminação pelo vírus Sars-CoV-2; quando, explicitamente, o índice de problemas e mortalidade, em consequência do contágio, vem crescendo exponencialmente no início do ano de 2021.



Qualificação: as palavras *melhor* e *colateral* revelam as características atribuídas por Bolsonaro para a defesa de seu ponto de vista em relação ao não perigo na contração do vírus do Covid-19. Ao utilizar o adjetivo “melhor”, Bolsonaro qualifica o vírus como um antídoto mais seguro e eficaz que as próprias vacinas desenvolvidas pelas farmacêuticas. Já a qualificação de “colateral” em relação a não presença de sintomas e efeitos na “contração natural” de anticorpos é entendida como um apelo para a volta à normalidade.

Ação: O uso dos verbos *tive* e *foi*, conjugados no pretérito perfeito, comungam com o posicionamento de que o problema do vírus, em seu caso particular, é algo superado. Esse discurso visa descredibilizar a letalidade da doença, com o intuito de fomentar o próprio pensamento em relação ao distanciamento social, causando, com isso, aglomerações que massificam o contágio pelo vírus.

Causação: A utilização do vírus como um imunizante para a pandemia do coronavírus é capaz de criar desinformação entre a população brasileira e incentivar o abrandamento das medidas de segurança, tanto em nível pessoal quanto coletivo.

Quanto ao processo de transação, pode-se evidenciar, por meio do *princípio de influência*, que, de acordo com o presidente Jair Bolsonaro, vacinas não são necessárias e seguras para o enfrentamento da pandemia, o que pode criar resistência por parte da população brasileira em tomar a vacina. Esse tipo de discurso e uma política governamental de criticar farmacêuticas e países exportadores desses produtos foram os motivos para os quais houve um retardamento nas campanhas de imunização, as quais necessitam de celeridade, credibilidade e adesão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, foi possível averiguar as condutas assumidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro e suas declarações mais polêmicas, no ano de 2020, acerca das vacinas contra o Covid-19. Os objetivos da pesquisa foram contemplados e foi possível comprovar, por meio do discurso, a influência negacionista e anticiência exercida pelo Chefe de Estado e suas principais consequências; seu posicionamento leviano quanto à periculosidade do vírus; e o incentivo a medicamentos sem comprovação científica.

A partir das problemáticas formuladas, foi possível afirmar que o presidente da República, em meio à sua gestão no ano de 2020, foi contrário as medidas sanitárias adotadas por importantes instituições, tanto nacionais quanto estrangeiras, indo de encontro a atitudes tomadas pelos países mais importantes para a política internacional. Apesar de não ser possível culpabilizar unicamente o presidente pela má gestão na pandemia do coronavírus, seu posicionamento negacionista é capaz de surtir *efeitos de sentido* e um *projeto de influência* que leva ao abrandamento dos cuidados necessários nesse período ímpar do século XXI.

Seus encontros com apoiadores-eleitores, promovendo aglomerações e incentivando o não uso de máscaras faciais de proteção, mesmo em períodos de aumento no índice de mortes pela doença, demonstram sua não prioridade para com a preservação da saúde do povo brasileiro e com



a vida. Aliado a isso, o ataque às vacinas, sobretudo a que foi desenvolvida pela farmacêutica chinesa, foi capaz de criar uma resistência em uma parte (minoritária) da população, culminando na difusão de *fake news* e na recusa de essas pessoas imunizarem-se.

As hipóteses levantadas pela presente pesquisa mostraram-se verdadeiras e foi possível comprovar o poder de influência que um discurso proferido muitas vezes pode provocar no imaginário social. Conclui-se que, para haver um bom enfrentamento na pandemia ou em qualquer outra situação adversa em que se precisa da mobilização da população, precisa-se de um líder capaz de governar em prol da segurança, saúde, estabilidade financeira e alimentícia a todos. Para isso, antes de tudo, o representante precisa dar um bom exemplo ao povo para que suas atitudes possam ser, de fato, alvos de influência.

Este artigo não objetiva finalizar todas as discussões acerca da análise do discurso antivacina proferido pelo presidente Bolsonaro no ano de 2020, mas oferece uma análise que poderá ser retomada por demais pesquisadores interessados na Análise do Discurso e na temática da pandemia do Coronavírus. Pretende-se, futuramente, a partir dessa pesquisa, ampliar a discussão realizada, aqui, em um trabalho acadêmico mais robusto e que abarque, de forma mais ampla, as principais enunciações do Chefe de Estado sobre a pandemia em nosso país.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, H.; PIRES, S.; CRUZ, A. R.; MACHADO, I. L. (Orgs.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso / FALE / UFMG, 1999. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Analise-do-discurso-controversias.html>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu *corpus*, eu te direi qual é a tua problemática. In: **Revista Diadorim** / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 10, dezembro 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3932>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Linguagem e discurso: modos de organização. 2. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Teoria semiolinguística: alguns pressupostos. **Revista Memento**, V. 05, N. 2 (julho-dezembro de 2014). Revista do Mestrado em Letras, linguagem, discurso e cultura – UNINCOR. ISSN 2317-6911. Disponível em:

<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826>. Acesso em: 28 abr. 2022.

MACHADO, I. L. **O ato de linguagem segundo a Semiolinguística: implicações, explicações e aplicações práticas**. Gragoatá, v. 24, n. 50, p. 760-772, 27 jan. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/34125>. Acesso em: 28 abr. 2022.



MOTA, Graziela Borguignon. **Imaginários sociodiscursivos na temática feminina da obra de Chico Buarque**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. 132p. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3007>. Acesso em: 28 abr. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise de discurso: mais uma volta nos círculos. In: _____. **O que é linguística**. 2ª. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2013. p.58-61. (Coleção Primeiros Passos; 184).

PAULIUKONIS, M. A. L.; GOUVÊA, L. H. M. Texto como discurso: uma visão semiolinguística. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 8 - n. 1 - p. 49-70 - jan./jun. 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2638>. Acesso em: 28 abr. 2022.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.